

O Lugar da Oração

Mateus 6;7; Lucas 17; Jeremias 29; 1 Tessalonicenses 5



EBD – Revista Compromisso Ano CXIV N° 455 A
Doutrina Bíblica da Oração
Lição 09 – Domingo 27/08/2020

Elaborado por Hugo Pedro Boff
estudosmec@pibrj.org.br

“E, quando orares, não sejas como os hipócritas; pois se comprazem em orar em pé nas sinagogas, e às esquinas das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam o seu galardão.

Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará publicamente.”

Mateus 6.5-6

1. Introdução

O tema da lição de hoje trata do lugar adequado onde o crente pode comunicar com Deus em oração, e ter comunhão íntima com Ele. Naturalmente, o lugar da oração é aquele onde o crente acredita que Deus esteja disponível para ouvi-lo. Nos episódios e referências encontradas nas Escrituras, procuraremos identificar lugares específicos de oração no Antigo e no Novo Testamento.

2. O lugar da oração no Antigo Testamento (AT)

A primeira referência explícita à oração encontrada no AT se encontra em Gênesis 4:26 quando do nascimento de Enos, filho de Sete, neto de Adão: “...então se começou a invocar o nome do Senhor”. No princípio, é muito provável que o lugar da oração era o lugar da oferta e do sacrifício

à Deus. As ofertas apresentadas a Deus por Abel e Caim eram possivelmente acompanhadas de alguma oração, pois consta que “Deus atentou para Abel e para a sua oferta, mas para Caim e sua oferta não atentou” (Gen. 4:4b,5a). Ou seja, há ali o acolhimento e a rejeição discriminada de pessoas (que invocam) e das suas oferendas. Algumas passagens dos Salmos (50:7-15, 55) sugerem que, no Antigo Testamento, a oferta de sacrifícios era efetivamente acompanhada de orações. Não havia inicialmente um lugar específico para a oração feita pelos homens ungidos do Antigo Testamento. Por exemplo, Moisés orou pedindo que as moscas se retirassem do palácio de Faraó, oração feita possivelmente nas imediações deste (Ex.8:28-30). Com a formação do sacerdócio Aarônico e o estabelecimento do ritual de adoração do Tabernáculo, a oração torna-se uma das funções



nomeadas para o Sumo Sacerdote e para a classe sacerdotal. Acreditava-se que a Arca da Aliança materializava a presença de Deus entre o povo, de modo que as orações solenes eram realizadas junto a ela. Os profetas eram homens que oravam e, muitas vezes, a palavra do Senhor chegava a eles por intermédio da oração (Is.6:5-13, Jr 11:20-23). Exceção feita à situação descrita em Dt 26:1-15, há poucas indicações de que as pessoas comuns oravam a Deus individualmente. Durante o exílio Babilônico, com a criação da Sinagoga, o povo Hebreu desenvolve o ministério da oração corporativa. Esta passa a ser um elemento importante do culto Judaico. As orações coletivas eram assim realizadas na Sinagoga. Com a restauração do templo depois do Exílio, as orações parecem assumir um caráter menos formal e mais espontâneo (Es 9:3-115, Ne 2:4,4:4). Resumindo, os traços marcantes da comunicação com Deus pela oração neste período são o formalismo e o distanciamento. O acesso a Deus era como que restrito a algumas pessoas que Ele escolhia. Muito embora onipresente e benigno, Deus era percebido pela maioria das pessoas como alguém inacessível e distante.

3. O lugar da oração no Novo Testamento

Com a vinda do Messias, os traços marcantes da oração, como comunicação com Deus, passam a ser a informalidade e a intimidade. O sacrifício de Jesus na cruz rompe a barreira de separação que havia entre Deus e os homens. “Mas agora em Cristo Jesus vós, que antes estáveis longe, pelo sangue de Cristo chegastes perto.” (Ef 2:13). A proximidade com Deus agora é completa, temos intimidade com Deus, pois Ele pode habitar dentro de nós. “No qual (em Cristo) também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito.” (Ef 2:22). O coração é o lugar do diálogo com Deus por excelência, pois é à partir dali que Ele pode ser encontrado: “E buscar-me-eis, e me achareis, quando me buscardes de todo o vosso coração.” (Jr 29:13). De fato, agora já não há mais lugar específico para invocar a Deus em oração. Ele poderá ser alcançado em qualquer tempo e de qualquer lugar pois, pela Graça de Cristo, Ele estará dentro de nós. O crente poderá dialogar com Deus no íntimo do seu coração. O “coração” é entendido aqui não como órgão biológico do nosso corpo, mas como a sede da nossa consciência. “Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida.” (Pv 4:23). Ou seja, pelo coração temos comunhão íntima com o Autor da vida. Se é à partir do coração que encontramos a Deus, é também à este que Ele responde



e se faz entender: "...diz o Senhor: porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei;" (Hb 8:10)

A intimidade que Deus nos concede nos autoriza, como na relação do filho amado com o seu pai amoroso, sermos informais em nossa comunicação. Ao nos dirigirmos à Ele, podemos usar o "tu" no lugar do "vós", sem medo de quebrar o protocolo. Em contraposição aos Fariseus que faziam tocar as trombetas quando alguma boa ação era feita, e que se exibiam com arrogância em suas orações, Jesus aconselha: "Mas tu, quando orares, entra no teu aposento e, fechando a tua porta, ora a teu Pai que está em oculto; e teu Pai, que vê secretamente, te recompensará. (Mt 6:6) Este "entra no teu aposento" tem um sentido literal e um sentido metafórico. No sentido literal, ele indica que a oração deve ser realizada no silêncio do isolamento, em um lugar de recolhimento e repouso, longe do barulho, como o é nosso quarto de dormir. No exemplo do que fazia o Senhor, que se apartava dos discípulos para orar no Jardim das Oliveiras. No sentido metafórico, entrar no aposento indica que a oração é um momento de intimidade no qual estamos a sós com Deus. O aposento é o recesso do nosso coração.

